

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KELLY CRISTINA GOMES

**O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

CURITIBA

2018

KELLY CRISTINA GOMES

**O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Alexandre N. Machado

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Por

KELLY CRISTINA GOMES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof.

Departamento de Filosofia, UFPR

Prof.

Departamento de Filosofia, UFPR

Orientador:

Prof. Alexandre N.Machado

Departamento de Filosofia , UFPR

CURITIBA

2018

É comum dizer-se que a função das escolas é preparar as crianças e os adolescentes para a vida. Como se a vida fosse algo que irá acontecer em algum ponto do futuro, depois da formatura, depois de entrar no mercado de trabalho. [...]

Mas a vida não acontece no futuro. Ela só acontece no aqui e no agora. O objetivo da aprendizagem é viver, não é preparar para um futuro a ser vivido”

Rubem Alves

RESUMO

O tema deste trabalho de monografia visa analisar de que forma o ensino de filosofia pode contribuir para a educação das emoções, ou, no desenvolvimento da inteligência emocional de jovens e adultos. Para que possamos fazer esta reflexão faz-se necessário ter em mente que o objetivo da educação é a formação integral do ser humano, e compreender esse como ser racional e emocional. O texto aborda a reflexão sobre quais as consequências que temos visto na atualidade da precariedade da formação emocional, e como a filosofia, enquanto disciplina curricular pode abordar assuntos propriamente filosóficos que, no entanto, atuem na educação das emoções, bem como, de que maneira podemos construir essa ponte entre os dois temas. Assim, após as considerações sobre a educação das emoções e o pensar filosófico no ensino de filosofia no Ensino Médio, apresento algumas emoções básicas e textos filosóficos que nos permitem fazer uma reflexão sobre as mesmas. Finalizando o trabalho, há uma releitura das Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o ensino de Filosofia, documento redigido pelo Governo do Estado do Paraná, buscando encontrar no documento, fundamentação para o trabalho com a inteligência emocional.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Inteligência emocional. Emoções.

ABSTRACT:

The theme of this work of monographs is to analyze how the teaching of philosophy can contribute to the education of the emotions, or in the development of the emotional intelligence of young people and adults. So that we can make this reflection it is necessary to keep in mind that the goal of education is the integral formation of the human being, and to understand this as being rational and emotional. The text approaches the reflection on the consequences that we have seen in the present time of the precariousness of the emotional formation, and how the philosophy, as curricular discipline can approach subjects properly philosophical that, however, act in the education of the emotions, as well as, in that way we can build this bridge between the two themes. Thus, after considering the education of emotions and philosophical thinking in the teaching of philosophy in High School, I present some basic emotions and philosophical texts that allow us to reflect on them. Finalizing the work, there is a re-reading of the Basic Education Curriculum Guidelines for the teaching of Philosophy, a document drafted by the State Government of Paraná, seeking to find in the document, a basis for working with emotional intelligence.

Keywords: Education. Philosophy. Emotional intelligence. Emotions.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO DAS EMOÇÕES E O PENSAR FILOSÓFICO NO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO.....	10
3	CAPÍTULO II – ALGUMAS EMOÇÕES BÁSICAS: O MEDO, A IRA, A ALEGRIA E A TRISTEZA.....	20
4	CAPÍTULO III – AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA E A EDUCAÇÃO DAS EMOÇÕES.	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho de monografia visa não somente repensar o conceito de inteligência, mas a partir desse conceito fazer uma reflexão sobre o papel da escola e mais especificamente demorar-se no objetivo do ensino de filosofia, tendo como princípio a ideia de que a escola é uma instituição que busca contribuir para a formação do educando contemplando os mais diversos aspectos e proporcionar a formação de um cidadão que ao apropriar-se do conhecimento e saberes socializados possa fortalecer-se a si próprio.

Deseja-se que o aluno saiba respeitar a individualidade do outro e tomar conhecimento da sua própria, à medida que também se reconhece como parte integrante da sociedade, vindo assim a contribuir de forma autônoma com a mesma, objetivos que apesar de óbvios numa instituição educacional, devem ser constantemente postos à reflexão.

A educação assume ou ao menos deveria assumir sua função de formadora do ser humano, do cidadão e não apenas de mão-de-obra vinculada aos interesses do mercado de trabalho. Contemplar assim a formação do pensamento, da sensibilidade e a capacidade de compreender-se como ser histórico, voltando-se para o seu passado e refletindo sobre ele, ao mesmo tempo em que avalia seu presente e projeta-se para o futuro.

Muitas vezes os conteúdos escolares da disciplina de filosofia apresentam-se como algo muito distante da vida dos adolescentes, com um linguajar incompreensível, abstrato. É necessário que os jovens percebam que a filosofia não é um conto do passado, mas que ela é viva, acontece diariamente, que ela ao nos mostrar o modo como os homens questionaram e interpretaram o momento histórico, social e político no qual estavam inseridos, nos traz instrumentos para que possamos fazer hoje a reflexão do momento histórico em que nós mesmos somos autores e personagens, nos torna capazes de interrogar, refletir, compreender e transformar nosso presente e futuro.

Como disse Rubem Alves na citação da epígrafe, a escola deve preparar os alunos para a vida que acontece agora, o objetivo do conhecimento não é somente compreender o passado e preparar para o futuro, mas aproximar os alunos do seu presente.

Na história do homem, mas de uma forma muito particular, para os adolescentes, as relações sociais tem forte influência, já que é neste período que acontece o que muitos psicólogos chamam de segundo parto. O momento em que o jovem deixa aquele espaço familiar que muitas vezes é sinônimo de segurança e parte para construir-se enquanto cidadão. Estas relações e as formas como se constituem é capaz de direcionar os interesses, estimular e ou desanimar, oprimir, é causa de alegria e tristezas e pode definir o futuro, pois se constrói aqui a sua relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

Nesta nova fase em que o jovem apresenta não só um desenvolvimento físico específico, mas também grandes alterações no desenvolvimento neurológico, o mundo não é por acaso, busca-se uma razão que o fundamente e o mesmo acontece com a escola. O aluno aqui imediatista quer compreender o presente, quer viver o agora sem se preocupar com o futuro, neste sentido, a filosofia tem grandes chances de mobilizar os alunos, pois se ocupa de refletir sobre os modos, os porquês, sobre a vida, trazendo questões que muitas vezes é motivo de inquietação para os jovens.

A cada pesquisa vemos um número crescente e assustador de adolescentes e adultos com depressão, o que revela uma tendência mundial da nossa geração a ser emocionalmente perturbada, solitária, revoltada, rebelde e agressiva. A educação emocional de crianças e jovens vem sendo abnegada tanto pelas famílias, quanto pelas escolas, que via de regra se propõe a formar o ser humano em sua complexidade e nos mais diversos aspectos que o contemplam. A filosofia pode e deve contribuir para essa formação emocional. Ela também a contempla, assim como à formação política. Basta que retomemos a Sócrates e as suas interrogações sobre o que somos, nossas crenças e opiniões. Interrogações essas que fizeram a Assembleia de Atenas condená-lo considerando-o um risco para a juventude. Interrogar-nos sobre nossa origem, ideias, sentimentos, ações e crenças sem dúvida traz em seu cerne o pensamento filosófico.

2 - A EDUCAÇÃO DAS EMOÇÕES E O PENSAR FILOSÓFICO NO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Temos visto em nossas escolas indícios de que nossas crianças e jovens apresentam grandes dificuldades em estabelecer relações sociais e afetivas sadias. O bullying é hoje tido como um problema crônico nas escolas, e sabemos o mal que dele deriva, tanto para os agressores quanto para as vítimas de agressões. Diante desse fato é inevitável que repensemos sobre o papel da educação e da escola em nossa sociedade atual, é imprescindível que reconheçamos a necessidade da educação emocional aliada às disciplinas presentes na grade curricular, conciliando a alfabetização emocional às aptidões tradicionais, como a matemática, história, língua portuguesa e a própria filosofia.

Um número considerável de jovens está cada vez mais perturbado emocionalmente, introspectivo, deprimido, quando não mais impulsivo. Diante desse quadro é urgente enxergá-los como um todo, como mente e coração e buscar uma educação que os auxiliem a resolver conflitos, que os ensinem a ouvir e adotar uma postura solidária. Nos últimos anos, vivenciamos uma grande mudança nas relações sociais em decorrência da influência da tecnologia, sabemos o quanto os jovens são dependentes de celulares, a ponto de a medicina dedicar-se atualmente ao estudo deste transtorno que tem afetado tantos brasileiros, em sua maioria jovens. Este transtorno já tem nome: namofobia (mal-estar ou ansiedade apresentados por indivíduos quando não estão com os celulares), e em muitos países é tratado como um problema de saúde pública. Essa realidade ao somar-se com características próprias dessa faixa etária toma uma proporção ainda maior e mais preocupante quando o assunto é convivência social.

Na entrevista com Giuseppe Ferraro, concedida a Walter Omar Kohan (Filosofia e formação, vol.I, 2013) o primeiro fala dessa questão que envolve a característica desse jovem que hoje vive em uma sociedade informatizada, e que segundo ele **“rompe as relações, ou melhor, que não o faz encontrar o outro, mas o fecha em si mesmo”** e cita Platão no Alcibíades em que diz que conhecemos a nós mesmos quando nos encontramos nos olhos do outro. É desse jovem que estamos tratando, que nesta sociedade e cultura em que está

inserido não se vê nos olhos do outro porque seu olhar e o do outro estão voltados para o celular ou computador. Pensar no ensino de filosofia como contribuição para o aprendizado das emoções é pensar em um ensino que procure reestabelecer essas relações, voltar os olhos dos alunos para o outro, para sua realidade, valores e para si mesmo.

Içami Tiba cita em seu livro “Ensinar aprendendo”, que neste período o jovem passa por uma alteração hormonal que somada à evolução cerebral causa mudanças significativas no sistema de recompensas, além disso, as interações sociais tem grande importância, é nesse meio que o jovem busca ser aceito, e quando falamos de interação, de relação, é inevitável falar de alfabetização emocional.

Podemos entender aqui a alfabetização emocional como meio de desenvolver a capacidade de autocontrole, autoconhecimento, motivação, empatia, assertividade, auto aceitação, responsabilidade pessoal, etc, aptidões que potencializam a capacidade intelectual, e a partir daí compreender como a filosofia pode auxiliar no desenvolvimento afetivo, principalmente em momentos críticos onde o sentimento se sobrepõe a racionalidade.

De início, podemos compreender a filosofia como uma tentativa de refletir, compreender e responder a questões que estão postas pela realidade, ao estudarmos o início dela mesma, com os pré-socráticos (os filósofos da natureza) essa definição fica clara. Ainda que neste período ciência e filosofia possuam um elo estreito, e como é sabido, com o decorrer do tempo acabam por tomar caminhos distintos, a busca racional para as inquietações humanas acerca do mundo e da vida acaba por ser o elo que une essas duas formas de conhecimento. Gianni Vattino no texto “A aula sobre a filosofia” (Filosofia e formação, vol.I) propõe que **“a filosofia se apresenta como responsável por ensinar e discutir valores que dirigem nossa existência”**, sendo assim, a filosofia busca compreender como esta realidade se torna significativa para nós, sujeitos dessa realidade.

Muitas vezes, o conhecimento que almeja, para a ciência já está dado, à medida que se propõe a pensar sobre ideias que estão presentes no senso comum, mas que não são postas sobre o crivo da dúvida ou da reflexão crítica, como por exemplo, quando buscamos uma definição sobre o amor. Um psicólogo ou um neurocientista podem ter teorias muito bem elaboradas sobre

o amor, sobre como ele influencia nossas escolhas, como interfere em nossas ações, mas um filósofo se pergunta: o que é o amor? Outras questões como, qual é o sentido da vida e da morte, são questões pertinentes ao ser humano e sua existência, porém, cada vez mais frequentemente somos levados a viver sem refletir sobre elas, na escola essa ausência também se faz sentir, quando visa produzir bons técnicos, cientistas, engenheiros, porém não leva os alunos a discutir os valores que dirigem sua existência.

Para essas questões que estão postas em nossa realidade, podemos ter da ciência algumas soluções muito satisfatórias, da filosofia por sua vez, temos algumas respostas que apesar de nos permitir conviver com a pergunta, não a encerra, ela continua viva e presente em nossas inquietações e disso se ocupa a filosofia, isso a caracteriza. É possível pensar em uma filosofia na escola como um encontro entre a tradição filosófica (contemplando os clássicos) e uma forma de pensar que não abdica do presente e suas contingências. A construção e reconstrução de conceitos, a leitura, análise e interpretação dos textos (filosóficos ou não), a produção escrita baseada em argumentos e a contextualização dos textos, promovem sem dúvida uma releitura de seu tempo, o que torna a aprendizagem mais significativa.

Podemos imaginar o desafio de se ensinar a filosofar nos dias atuais, numa sociedade imediatista, onde as pessoas buscam respostas prontas e acabadas, mas ainda assim, uma sociedade em que os relacionamentos humanos carecem cada vez mais de raízes, de sentido, e que a falta deles nos apresentem tantas dificuldades que afetam cada vez mais nossa vida e nossas relações. Como diz Bauman:

Homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possamos contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se” (Bauman, Zigmunt. 2004, p.8).

Não nos tornamos humanos sozinhos, é a relação com o outro, o semelhante, que nos faz humanos, por isso precisamos com urgência pensar nessas relações, em como estamos nos tornando humanos uns aos outros, em como a educação tem oferecido instrumentos para desenvolver aptidões

humanas essenciais e portanto, pensar no desenvolvimento emocional de nossas crianças e jovens.

Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco* já nos trouxe uma reflexão sobre a importância de controlarmos nossa vida emocional à medida que compreende que as paixões orientam nossas ações e escolhas, como devemos então adequá-las para alcançar a virtude? Ora, quanto à virtude o autor afirma “[...] que é um meio termo entre dois vícios, um dos quais envolve excesso e o outro a falta, e isso porque a natureza da virtude é visar a mediania das paixões e nos atos”(Aristóteles, 2006, p.54).

Podemos nos utilizar dos conflitos, tensões e situações reais dentro de sala de aula para associar o ensino de filosofia à educação das emoções. O aprendizado de conteúdos curriculares não se dá à parte dos sentimentos e emoções dos alunos, o desafio é justamente adequar esses conteúdos à educação emocional.

Nem é necessário ir tão longe e abordar situações mais profundas, basta que pensemos na dificuldade que é a convivência com o outro que é diferente, convivência que nem sempre é pacífica, ainda que necessária. No mundo globalizado em que estamos inseridos, no país multicultural em que vivemos, onde por exemplo, a liberdade de crença religiosa, o respeito à orientação sexual, são assuntos que estão na mídia e nos debates diariamente, vemos cada vez mais a necessidade de formar cidadãos aptos a viverem dentro dos padrões sociais e culturais que se apresentam, ou não, e nesse sentido, aptos inclusive para questionar os padrões que no decorrer da história se estabeleceram e que hoje perderam o sentido.

Mas qual a relação desses problemas tão conhecidos da realidade escolar com a educação emocional? Devemos buscar desenvolver aptidões emocionais e sociais como controlar a raiva, a depressão, os impulsos, nomear sentimentos e reconhecê-los, buscando soluções criativas para os conflitos, que muitas vezes ocorrem pela falta de comunicação, por exemplo, utilizar-se de um conflito para levar a turma a refletir sobre a necessidade de uma comunicação efetiva, sobre o encadeamento de ideias que levou a determinadas conclusões e de que modo podemos considerá-la válida e verdadeira, permitir que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos

de uma maneira respeitosa e direcionar a discussão de maneira que os alunos possam adotar uma escuta ativa.

É claro que para que esse processo tenha sucesso é necessário determinado tempo de trabalho, porque, para que os alunos tenham domínio do campo emocional, as aptidões precisam ser aprendidas e no calor das emoções as pessoas ficam menos receptivas a receberem novas informações e à mudança de hábitos. Por isso a reflexão posterior sobre as emoções, e argumentos utilizados, uma conversa mais amena, um registro por escrito, valida a experiência e facilita o aprendizado.

Esses conflitos podem surgir em situações como um debate sobre determinado tema filosófico. Os alunos querem expor seus pontos de vista, suas conclusões, e aprender a fazer isso de forma respeitosa é parte de um processo de amadurecimento emocional, bem como a empatia, ou seja, ser capaz de se colocar no lugar do outro compreendendo seu ponto de vista, reconhecendo que há diferenças no modo como as pessoas se sentem com relação às coisas, uma aptidão tão valiosa na atualidade onde o individualismo e o egocentrismo se mostram tão evidente.

António Rosa Damásio, um médico neurologista e neurocientista português que tem como objeto de estudo o cérebro e as emoções humanas, publicou no ano de 1995 um livro chamado “O erro de Descartes”, obra que volta sua atenção para a relação entre emoções e razão. Nesta obra o autor trata a emoção como parte do processo de raciocínio e defende que muitas vezes ela auxilia nesse processo, contradizendo uma opinião enraizada de que as emoções atrapalhariam o raciocínio.

O raciocínio tal qual a emoção, leva o ser humano à ação, porém de uma forma consciente, ele permite que a ação seja precedida pelo pensar com inteligência, porém ele tido isoladamente não produz um efeito melhor do que quando a emoção não está presente, ou seja, a razão sem a emoção também é falha.

Uma questão importante levantada pelo médico e que faz sentido para a ideia da importância da educação emocional, é que segundo ele “[...] a noção de que os sistemas cerebrais que participam conjuntamente da emoção e da tomada de decisão estão, generalizadamente envolvidas na gestão da cognição e do comportamento social” (DAMÁSIO, 2012, não.p.). Mais uma vez

ressaltamos a importância de se pensar a questão do convívio social e da relação que estabelecemos com o outro, baseando-nos na razão e na emoção, e esse modo de pensar as relações nos dá um direcionamento também para refletimos sobre o papel da educação escolar, que é em sua natureza, um espaço de convivência e de aprendizado.

O saber escolar está muito mais ligado ao conhecimento, à atenção e a memória, a linguagem, cálculos, porém, é indiscutível que o saber lidar com as emoções e também a capacidade de senti-las, afetam o comportamento humano e sua capacidade de lidar com as decisões racionais, assim, contrariando Descartes, Damásio sugere que:

A razão não seria tão pura quanto a maioria de nós pensa que é ou desejaria que fosse, e que as emoções e sentimento podem não ser de todo uns intrusos no bastião da razão, podendo encontrar-se, pelo contrário, enredados nas suas teias, para o melhor e o pior. (DAMÁSIO, 2012, não p.).

É importante ressaltar, que Damásio não sugere que as emoções são as únicas responsáveis quando fazemos escolhas acertadas, e não há como negar que elas também podem ser o princípio de erros nos processos de raciocínio, como a experiência bem nos mostra. O que ele afirma é que elas influenciam de uma forma ou de outra, ou seja, que não podem ser desconsideradas quando se trata da racionalidade.

Damásio afirma que após estudos do cérebro, é possível concluir que os diversos sistemas que o constitui, responsáveis por exemplo, pela visão, linguagem, razão ou para o comportamento social, funcionam de forma interligada e que existem áreas responsáveis por exemplo, pela benevolência e veneração, “órgãos” cerebrais que permitem um comportamento social mais adequado, permitem a demonstração de bondade e respeito pelo outro. Assim é possível afirmar, segundo Damásio, que comportamentos necessários à boa convivência e que muitas vezes são tidos como emoções e portanto distintos da razão, fazem parte de um sistema cerebral que é responsável pelo bem observar as convenções sociais, a tomada de decisões apropriadas para sua sobrevivência e progresso.

Os estudos de Damásio levantam a hipótese da possibilidade de um elo de ligação (anatômicos e funcionais) entre a razão, os sentimentos e o corpo.

É como se estivéssemos possuídos por uma paixão pela razão, um impulso que tem origem no cerne do cérebro, atravessa outros níveis do sistema nervoso e, finalmente, emerge quer como sentimento quer como predisposição não conscientes que orientam a tomada de decisão. A razão, da prática à teórica, baseia-se provavelmente nesse impulso natural pro meio de um processo que faz lembrar o domínio de uma técnica ou de uma arte. Retire-se o impulso, e não é mais possível alcançar essa perícia. Mas o fato de se possuir esse impulso não faz de nós, automaticamente, peritos. (DAMÁSIO, 2012, não p.).

Damásio busca esclarecer que não afirma em nenhum momento que a razão seja menos importante do que as emoções, mas que é importante reconhecer qual é o papel das emoções nos processos de raciocínio para que desta maneira seja possível aumentar o que considera-se efeitos positivos e buscar reduzir os efeitos considerados negativos, da mesma maneira que para que seja possível fortalecer a racionalidade é importante que se volte a atenção para o que ele chama de “vulnerabilidade do mundo interior”.

Segundo Damásio (2012), as teorias Cartesianas acerca do corpo, do cérebro e da mente continuam a influenciar as ciências e as humanidades no mundo ocidental, e que a visão dualista apresentada pelo filósofo, que separa a mente do cérebro e do corpo, é fonte de preocupação, pois sugere que o cérebro só necessita do corpo para sua manutenção.

Pensar para Descartes seria um ato separado do corpo, a famosa afirmação: “Penso, logo existo”, presente na quarta seção de *O discurso do método* (1637) ilustra o que segundo Damásio é o oposto do que ele afirma quanto à relação entre mente e corpo, já que o médico não concorda com o filósofo de que o ato de pensar é uma atividade separada do corpo, relembrando a dualidade corpo não pensante e mente como coisa pensante.

Segundo Damásio (2012) o “erro de Descartes”, do ponto de vista da neurologia, foi pensar o corpo como algo à parte da mente, entender que os juízos morais e o raciocínio por exemplo, existem de maneira paralela, independente do corpo. Para ele a estrutura e funcionamento do organismo

biológico estão conectados com as operações mais refinadas da mente e afirma:

De fato, se a mente pudesse ser separada do corpo, talvez fosse possível compreendê-la sem recorrer à neurobiologia, sem nenhuma necessidade da neuroanatomia, neurofisiologia e neuroquímica. (DAMÁSIO, 2012, não p.).

Além de pensar nas implicações do estudo de Damásio no campo educacional, confirmando aqui tudo o que foi dito anteriormente, ou seja, a importância da educação das emoções, que razão e emoção são complementares, repensar qual o objetivo então da educação, é possível fazer uma leitura abrangente da definição de homem, visando sua complexidade e por isso mesmo também sua fragilidade.

Refletir sobre o homem e sua condição, pode levar à sua compreensão e por conseguinte pode ser útil também quando voltamos nosso olhar para as relações sociais e quem sabe, contribuir para a diminuição dos conflitos existentes. Conhecer quem somos e como somos enquanto humanos nos leva a refletir, compreender e administrar aquilo que é próprio do humano.

Quando lembramos Sócrates e sua máxima: “Conhece-te a ti mesmo”, estamos trazendo à tona ao menos duas das aptidões que a educação emocional almeja desenvolver, qual sejam, a autoconsciência e a autoaceitação. Levar o aluno a observar-se e reconhecer seus sentimentos, emoções, angústias, saber nomeá-las e identificá-las. Compreender que existem relações entre pensamento, sentimentos e reações e de que forma um influencia o outro, identificando de que forma eles atuam em nossas ações. Caberia aqui trabalhar por exemplo a teoria dos temperamentos de Platão, que divide a alma em três partes, a racional, a irascível e a concupiscível, bem como o Mito do cocheiro do diálogo “Fedro”, onde poderíamos fazer a leitura final de que cabe ao homem através dos seus pensamentos/ razão, conduzir seus sentimentos, pois somente assim ele poderá se guiar no caminho do bem e da verdade.

Vejamos agora o que se passa com as outras almas. Estas tentam tudo para serem dignas de seguir os deuses, erguendo para cima a

cabeça do cocheiro mas, perturbadas pelos corcéis que puxam o carro, apenas conseguem vislumbrar as realidades. Tao depressa levantam como baixam a cabeça e, como não conseguem dominar a desarmonia dos corcéis, apenas veem algumas realidades, mas não conseguem ver outras. Outras almas existem cuja única aspiração é subir, movimento que logram efectuar com perfeição. Mas isso nada lhes vale porque, no movimento circular, com a ânsia de se colocarem nos primeiros lugares, acabam por se atropelar umas às outras e daí resulta uma grande confusão, a luta, os suores e, por culpa dos cocheiros, acabam por se ferir umas às outras e muitas acabam por perder as penas das asas. Enfim, invadidas por extrema fadiga, acabam por cair, sem chegarem a iniciar a contemplação da Verdade e, uma vez caídas, apenas lhes resta a opinião como simples alimento. A causa que atrai as almas para a contemplação da Verdade, consiste em que só ali encontram o alimento que as pode satisfazer inteiramente, desenvolver as asas, esse alimento que, enfim, liberta as almas das terrenas paixões. (PLATÃO, 2000. p.63).

Levar os alunos após o trabalho com o texto filosófico a buscar identificar com base na teoria platônica como ele próprio avalia seu comportamento, até que ponto seus sentimentos ou paixões (principalmente os negativos como o raiva, o ciúme, etc) conduzem suas ações, se isso tem lhes trazido resultados positivos ou negativos, o que precisa ser feito para que haja uma mudança de hábitos, de postura e de relacionamento interpessoal.

A autoaceitação vem do autoconhecimento, pois à medida que se reconhece suas fraquezas e suas forças e aprende-se a lidar com ambas é possível sentir-se orgulhoso de suas conquistas e das características positivas que possui, por outro lado, aceitar e buscar superar suas limitações de uma forma respeitosa consigo mesmo por ver-se sob uma ótica positiva.

Como em tantos, senão, todos os temas filosóficos, não há um consenso sobre o termo “emoção”. Contudo, é possível a partir de alguns estudos defini-la como um sentimento e seus pensamentos distintos, um estado mental que pode estar ligado à ação. Existem muitas e muitas emoções que podem variar de acordo com a intensidade, criando uma variedade de emoções secundárias, tantas que talvez não fosse possível expressá-las verbalmente, mas algumas são nossas conhecidas e mais comuns, como por exemplo, a ira, a tristeza, medo, solidão, prazer, amor, surpresa, vergonha, etc.

A defesa da existência de umas poucas emoções básicas depende em certa medida da descoberta por Paul Ekman, na Universidade da Califórnia, de que as expressões faciais de quatro delas (medo, ira, tristeza e alegria) são reconhecidas por povos de cultura de todo o mundo - inclusive povos pré-letrados supostamente intocados pela exposição ao cinema ou à televisão – o que sugere sua universalidade. (GOLEMAN, Daniel. 1995. p.306)

Talvez essa descoberta de Ekman possa nos orientar a fim de definirmos por onde devemos começar o trabalho com a educação emocional. Levando em consideração a possibilidade de serem a ira, o medo, a tristeza e a alegria a base das demais emoções.

3 - ALGUMAS EMOÇÕES BÁSICAS: O MEDO, A IRA, A ALEGRIA E A TRISTEZA

Antes de iniciarmos os textos tratando das emoções básicas, é válido o trabalho com o texto de Merleau-Ponty (MARÇAL, Jairo (org.) ,2009, p.508) em que o filósofo se dedica a refletir sobre o homem, enquanto corpo e alma, mas propriamente a noção que ele nos traz quando trata do outro.

O outro não é só corpo, nem espírito puro. Gestos, olhares, nos dizem o que ele é, ou quem ele é, o outro é sujeito de ação que se revela. **“os outros são para nós espíritos que habitam um corpo, e, na aparência total desse corpo, parece-nos que está contido todo um conjunto de possibilidades.” (MARÇAL, Jairo, 2009. p.509).**

O autor faz uma reflexão sobre a raiva que apesar de ser expressa por meio de palavras, gestos, etc, habita tanto o espírito, o corpo quanto o espaço. O outro ao expressar sua raiva, é um reflexo de mim mesmo, e ao reconhecer no outro a raiva posso fazer uma auto avaliação e perceber como eu mesmo a expressei através de gestos e palavras.

Minha raiva não era outra coisa que uma tentativa de destruição de Paulo, que permanece verbal, se eu sou pacífico, e mesmo civilizada, se eu sou educado, mas que enfim se passava no espaço comum em que trocávamos argumentos em vez de golpes, e não em mim. É só depois, refletindo o que é a raiva, e notando que ela encerra certa avaliação (negativa) do outro, que eu concluo: no final das contas, a raiva é um pensamento, estar com raiva é pensar que outrem é detestável, e esse pensamento, como todos os outros, assim como Descartes mostrou, não pode residir em nenhum fragmento de matéria. Ela é, portanto, espírito. (MARÇAL, Jairo, 2009, p.510)

Buscar reconhecer, nomear e conceituar essas emoções primárias, pode direcionar a princípio o nosso trabalho. Aristóteles no livro “Ética a Nicômaco” (2006) traz uma reflexão sobre a coragem que será muito propícia no trabalho com os alunos quando o tema for o medo. Segundo o filósofo:

Já foi suficientemente esclarecido que a coragem é um meio-termo em relação aos sentimentos de medo e temeridade; e evidentemente, as coisas que tememos são coisas temíveis que qualificamos de um modo geral de males; por essa razão, algumas pessoas definem o medo como uma expectativa do mal. É verdade que tememos todos os males, por exemplo, a desonra, a pobreza, a doença, a falta de amigos, a morte, mas não se pensa que

a coragem se relacione com todos eles, pois temer certas coisas é até justo e nobre, e é vil não os temer, como por exemplo, a desonra: as pessoas que a temem são boas e recatadas, e desavergonhadas as pessoas que não a temem, não obstante alguns digam, por analogia, que tais pessoas são corajosas, já que tem algo em comum com o homem corajoso, que também é destemido". (ARISTÓTELES. 2006. p.68)

Este pequeno trecho da obra, já seria suficiente para darmos início a uma reflexão sobre o medo, compreender que é comum a todos os homens, que compartilhamos também de medos similares, que o medo está associado a um mal e que de alguma forma estamos expostos a eles e por fim, que o medo pode ser uma coisa positiva. A partir daí refletir quando e como o medo pode ser positivo, quais são os medos que o aluno enfrenta e buscar uma definição dele.

Promover o debate para que os alunos possam expressar-se livremente e da forma que for mais confortável, levando em consideração aqueles alunos que preferem a língua escrita a se expor perante o grupo, buscando assim contemplar toda a turma.

Quando o assunto é a ira, tratar da calma como meio-termo em relação à cólera e o pacatez pode ser um bom começo.

Aristóteles nos traz uma reflexão pertinente para a educação das emoções quando afirma que sentir cólera é louvável quando ela é justificada, mas que ainda assim não devemos deixar as paixões nos guiarem, pois tanto o objeto da ira quanto o tempo que se detém nela devem estar em equilíbrio. Da mesma forma que se refere à pacatez como um vício, pois há coisas que devem despertar a ira, assim, segundo o filósofo não devemos mediante à algumas situações sermos insensíveis. Levar os alunos a refletirem nesse sentido, sobre situações que vivenciaram e que por um motivo ou outro suas ações estão ou não de acordo com o que nos traz Aristóteles quanto à ira. De que forma podemos alcançar a mediania, que situação não deveria "passar em branco" e seria justificadamente fonte de ira? Promover assim um debate com a turma, partindo de um texto clássico e tendo sempre esse olhar para a educação das emoções. É o movimento de transitar entre o exterior e o interior que leva o aluno ao crescimento intelectual e afetivo.

Quanto à alegria e a tristeza, é possível compreendê-las como opostas, porém, não seria a felicidade o contrário de tristeza? Qual a diferença entre

alegria e felicidade? É importante que os alunos reflitam sobre essas emoções, busquem conceituá-las, compreendê-las e para isso é necessário assumir uma postura crítica até mesmo quanto à forma como a sociedade atual a concebe. Em que momentos você sente alegria? Tristeza? Felicidade? E a partir dessas indagações buscamos chegar a um conceito.

É possível encontrar um discurso sobre a felicidade também na obra de Aristóteles (2006), quando o filósofo afirma que todos os outros bens são meios para se atingir um bem maior, ou seja, a felicidade.

Retomando a nossa investigação, tendo em vista o fato de que todo conhecimento e todo trabalho visa a algum bem, procuremos determinar o que consideramos ser os objetivos da ciência política e o mais alto de todos os bens que se podem alcançar pela ação. Em palavras, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem que esse bem supremo é a felicidade e consideram que o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz; porém, divergem a respeito do que seja a felicidade, e o vulgo não sustenta a mesma opinião dos sábios". (ARISTÓTELES, 2006. P.19)

Se todas as nossas ações tendem para a felicidade é possível chegar a conclusão de que estamos agindo mal, já que basta olhar ao redor e ver quanta infelicidade existe o que resulta em insegurança, violência, dependência química e depressão. Será que estamos buscando a felicidade onde ela não existe? Qual o conceito de felicidade que a sociedade nos apresenta hoje? Aristóteles talvez possa novamente nos socorrer ao afirmar que alguns homens identificam a felicidade com o prazer e ao buscar uma vida boa, buscam por sua vez uma vida de prazeres. Uma definição muito comum entre os jovens que devido a diversos fatores sociais, políticos e culturais, associam a princípio a felicidade com dinheiro. Neste caso, podemos utilizar o argumento de Aristóteles quando este afirma que o dinheiro é útil e serve para que possamos alcançar outros fins, materiais ou não, e que não possui um fim em si mesmo.

É importante que o aluno reconheça que a busca da felicidade é tema recorrente desde Aristóteles, faz parte da essência humana, independente de cultura e ou religião. Pensar a felicidade e como alcançá-la tem relação direta com os valores que cada um possui, e esses valores muitas vezes estão arraigados em conceitos deturpados que se adquire no decorrer da existência das diversas instâncias que nos formam, família, igreja, sociedade, mídia, etc.

Segundo o filósofo brasileiro Leonardo Boff, no livro “Felicidade foi-se embora” :

“A felicidade, por mais plenitude que nos conceda, guarda sempre um transfundo de tristeza; por causa da fugacidade da vida, dos acontecimentos inesperados, das mudanças do curso das coisas e das eventuais rupturas de laços afetivos. Mesmo assim nunca desistimos dela, pois para ela fomos pensados e criados.” (Betto, Frei; Boff, Leonardo; Cortella, Mário Sergio. 2016. P.43)

Nesta fala, podemos pensar a relação entre a felicidade e a tristeza, será mesmo que uma é ausência da outra? Talvez possamos compreendê-la apesar da tristeza, já que estamos à mercê da vida e suas vicissitudes, ser feliz pode ser uma boa opção, desde que bem realizada ela permite que possa se viver e conviver com as contradições e limitações da vida de uma maneira mais amena e saudável.

4 - AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA E A EDUCAÇÃO DAS EMOÇÕES.

Nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCEB) há uma reflexão sobre os sujeitos da Educação Básica, crianças, jovens e adultos, sobre a situação econômica e cultural da maioria e a partir daí conclui-se qual seria o objetivo da educação.

Devem ter acesso ao conhecimento produzido pela humanidade que , na escola, é veiculado pelos conteúdos das disciplinas escolares. Assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que tem nela uma oportunidade, algumas vezes única, de acesso ao mundo letrado, do conhecimento científico, da reflexão filosófica e do contato com a arte”, (DCEB /PR – Filosofia, p.14)

É provável que muito dificilmente tivesse uma opinião contrária ao que traz o documento, visto que sabemos da importância do desenvolvimento de tais competências na formação humana. Mas de que forma essa educação poderia contemplar a educação das emoções senão aliada a tais disciplinas? Pensar o humano, pensar-se como humano é pensar-se inserido nesses conhecimentos próprios da nossa espécie e a partir deles ter instrumentos e habilidades para atuar no mundo de forma autônoma, promovendo ao estudante, “a formação necessária para o enfrentamento com vistas à transformação da realidade social, econômica e política do seu tempo.”(DCEB – PR. 2008, p.20).

No entanto, entende-se aqui que fazer esse enfrentamento sugere não só conhecimento acadêmico/científico, é fundamental e necessária uma formação humanista, que contemple o legado filosófico da humanidade que nos fornece grandes reflexões sobre a questão da formação do homem, que por sua vez nos oferta importantes instrumentos para a educação das emoções, quando a entendemos como o desenvolvimento da autoconsciência, autoaceitação, tolerância à frustração, sociabilidade, autocontrole, responsabilidade pessoal, assertividade, empatia, etc.

Assim como as demais disciplinas, a filosofia é um campo fértil para esse debate, reflexões e busca de sentido. A arte por exemplo, “fruto de uma

relação específica do ser humano com o mundo e o conhecimento” (DCEB-PR. 2008, p.22) do que trata senão dessa relação, a própria inteligência das emoções? Como afeto o mundo e sou afetado por ele, essa relação constrói o ser humano intelectual e afetivamente.

O conhecimento que propõe uma determinada ciência associado à uma disciplina escolar é histórico, contudo dinâmico e ainda em construção. Quando se propõe a seguir determinados conteúdos é indispensável ter ciência de que pelo fato de serem processuais faz-se necessário via de regra incorporar outros novos que vão se estabelecendo nas relações sociais e acabam trazendo para a sala questões filosóficas que emergem destas relações.

Muitas vezes essas questões acabam por inserir-se no currículo ainda que de forma artificial através dos temas transversais. As Diretrizes Curriculares para o ensino de Filosofia – PR, sugere que estes temas sejam “trabalhados pelas disciplinas que lhes são afins, contextualizando e articulando com os respectivos objetos de estudo dessas disciplinas e sob o rigor de seus referenciais teórico-conceituais” (DCEB – PR. 2008 p.26).

A importância do desenvolvimento da inteligência emocional sem dúvida é um tema emergente em nossa sociedade, pelos motivos já citados anteriormente e que podem ser claramente observados, principalmente por professores que trabalham com crianças e jovens. Que outra disciplina poderia abordar este tema com tanta propriedade quanto à Filosofia?

Vimos os inúmeros exemplos de como a disciplina trata de temas que são inerentes ao humano, dessa forma é claramente possível contextualizar os conteúdos próprios da filosofia com o desenvolvimento da inteligência emocional, partindo de um conhecimento histórico que fundamenta a proposta dos conteúdos estruturantes, mas ampliando-se nos conteúdos básicos que comportam tanto os assuntos mais estáveis quanto os que se apresentam a partir das atuais relações sociais.

Dessa forma, o professor deve ao elaborar seu plano de trabalho docente de forma que vincule os conteúdos à sua realidade e as necessidades dos seus alunos, contemplando assim as competências sociais e emocionais, que certamente influenciarão no seu comportamento e na sua capacidade de aprendizagem.

Fundamentado pela proposta pedagógica curricular o professor deverá elaborar seu plano de trabalho, que por sua vez deve estar associado à realidade e as necessidades dos alunos, partindo do contexto de vivência destes, da perspectiva do aluno, fazer o movimento de muitas vezes partir de opinião do senso comum, para a busca de um conceito mais elaborado na compreensão e explicação da realidade.

O conteúdo que antes parecia não ter sentido ou proximidade com a realidade do aluno, após ser problematizado, contextualizado e apreendido passa a ter significado, o que certamente facilita o aprendizado.

É necessário enfatizar no entanto, que a busca pela contextualização do conhecimento e a relação entre conteúdo propriamente filosófico e educação das emoções não deve jamais empobrecer a prática pedagógica. A ideia não é substituir uma coisa pela outra, mas agregar. Não é tirar de foco a importância de desenvolver a capacidade crítica de compreensão de si e do mundo, e sim nesse movimento ampliar o que seja compreensão de si e do mundo, não só compreender, mas questionar, conhecer e melhorar-se.

Entendendo ainda que esse movimento não encerra-se nele mesmo. A busca por um sentido, por um conceito é um norte para o conhecimento, porém o aluno precisa ter consciência de que a filosofia não vai lhe proporcionar uma definição definitiva e isso muitas vezes gera certo desconforto. Nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica / PR, essa ideia está presente:

A preocupação maior com a delimitação de metodologias para o ensino de Filosofia é garantir que os métodos de ensino não lhe deturpem o conteúdo. A ideia de que não existem verdades absolutas em conteúdos como, por exemplo, moral e política, é tese defendida com frequência por filósofos. Ocorre que essa discussão, ao ser levada para o ensino, torna inevitável o estranhamento que a ausência de conclusões definitivas provoca nos estudantes. (DCNEB / PR. 2008. p.38)

Essa posição distingue a filosofia das demais disciplinas e caracteriza-a. A incerteza própria das questões filosóficas é o que tira o homem do senso comum e de seu lugar de conforto para que este através da razão busque novas perspectivas. Esse novo modo de ver as coisas amplia seu mundo, sua realidade e seu próprio eu, e o coloca em um novo patamar, onde a realidade não é tão óbvia e a verdade pode ter outra face.

A dúvida, colocada no lugar da antiga certeza permite um novo olhar sobre todas as coisas, e inicia a outra missão da filosofia, não só desenvolver um olhar crítico frente ao mundo e sua realidade, mas fazer a desconstrução do que antes era tido como certeza e olhado com obviedade. Esse novo modo de ver as coisas, em que se tira o ponto final e o substitui pelo ponto de interrogação, permite que possamos ver o mundo por um outro prisma, e isso certamente o amplia.

Capacidades estas que estão inevitavelmente ligadas à própria inteligência emocional. Para que se possa olhar o outro e sua opinião com respeito, reconhecer a sua própria e muitas vezes muda-la, desenvolver maior capacidade de analisar e compreender o outro e a si, exige do aluno esta postura aberta frente ao mundo, exige “abraçar” outras realidades e saber que estas existem.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar uma reflexão sobre como o ensino da Filosofia pode contribuir para o desenvolvimento da inteligência emocional e para isso fez-se necessário buscar o conceito de inteligência emocional e sua importância na formação do jovem na sociedade contemporânea. No entanto, esse foi o ponto de partida para refletir sobre os objetivos da educação hoje e mais especificamente o ensino de filosofia.

É importante ressaltar que não entende-se em nenhum momento que este seria o único objetivo da filosofia como disciplina no Ensino Médio, mas buscar compreender de que forma ela também pode se dedicar a esta formação, compreendendo a educação em toda sua complexidade e fazer um recorte no panorama que é próprio da disciplina.

Compreender o ensino de filosofia como a busca e construção de conceitos, olhar e leitura crítica do mundo e dos valores que orientam nossa existência, inserir os jovens no domínio da cultura, possibilitar o desenvolvimento da reflexão, estabelecer suas relações com outras formas de conhecimento e outras disciplinas e tantas outras definições que se fazem presentes, contribuem para a educação das emoções e ampliam o olhar frente à filosofia como disciplina. O que se buscou aqui é fazer uma análise de uma das tantas contribuições da filosofia quando se trata de educação e de formação, a educação das emoções ou da inteligência emocional é uma dessas contribuições.

Entende-se que a filosofia deve aprofundar os conhecimentos e a partir daí provocar mudanças no aluno, tanto na sua visão de mundo quanto na forma como se posiciona nele. O que se quer é sair de uma visão de aula de filosofia que seja pura transmissão de conhecimento acumulado, é colocar esse conhecimento a serviço do que hoje esse aluno tem como necessidade, em decorrência também da sociedade em que ele vive, e o que percebemos, como citado no trabalho, é pouca atenção com o ensino e desenvolvimento da inteligência emocional, como se esse aspecto não fosse próprio do ser humano, e não interferisse diretamente nas suas relações interpessoais e intrapessoal. Para tanto, houve também uma reflexão sobre Descartes, com

base no livro de António Damásio, e a forma como o primeiro concebe o homem. Qual o papel das emoções no pensamento racional?

Faz-se necessário também a ressalva que este olhar para a filosofia e sua contribuição para o desenvolvimento da inteligência emocional, está atrelado ao ensino de todas as outras habilidades que o ensino se propõe e que são próprios do conteúdo da disciplina. O trabalho de leitura de textos (filosóficos ou não), a reflexão, a busca e construção de conceitos quando se trata das emoções e as relações sociais podem e devem estar atreladas às competências comunicativas que segundo a OCN-Filosofia (Orientações Curriculares Nacionais – Filosofia) para o se trata da aula de filosofia no ensino médio, qual seja, o uso argumentativo da linguagem, a leitura significativa, a elaboração escrita dos conceitos trabalhados, o debate argumentativo, articular os conhecimentos científicos e artísticos aos propriamente filosóficos, entre outros.

Busca-se assim, mobilizar os jovens a pensarem filosoficamente questões que são próprias do seu tempo, do seu mundo, das suas relações, apesar da dificuldade que há na produção de sentido para esse público alvo que são em sua maioria adolescentes, que estão cada vez mais imersos num mundo virtual, tecnológico e televisivo, mas que por outro lado, vivenciam de forma intensa as emoções, que foram nosso objeto de reflexão neste trabalho.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antologia de textos filosóficos / Jairo Marçal , organizador. – Curitiba: SEED – Pr.,2009.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Martin Claret. 2006.

Bauman, Zygmunt. Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.

Betto, Frei; Boff, Leonardo; Cortella, Mário Sergio. Felicidade foi-se embora? São Paulo: Vozes Nobilis. 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. V. 3 - Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC/ SEB, 2008. 133p

DAMÁSIO, António R. O erro de Descartes – Emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das letras. 2012. Disponível em : <http://elivros.love/book/baixar-livro-o-erro-de-descartes-antonio-damasio-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em 31 de Março de 2018

Ensinar filosofia : volume 2 / Organizadores Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli. -- Cuiabá, MT : Central de Texto, 2013. Vários autores.

Filosofia e formação, volume 1 / organizadores Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli. -- Cuiabá, MT : Central de Texto, 2013.

GHIRALDELLI JR, Paulo. Como a Filosofia pode explicar o amor. São Paulo: Universo dos livros. 2011.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional – A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva. 1995.

PLATÃO. Banquete. Versão eletrônica do livro. Créditos de digitalização: membros do grupo de discussão Acrópolis. Disponível em www.virtualbooks.com.br

PLATÃO. Fedro ou da beleza. Coleção filosofia e ensaios. Lisboa: Guimarães editora. 2000.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de Filosofia para a Educação Básica. Curitiba, 2007. PIN

TIBA, Içami. Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação. São Paulo : Integrare. 2006.